

## Cultura corporal como acontecimento discursivo no campo da Educação Física<sup>1</sup>

### Resumo

Na companhia de alguns pressupostos advindos da perspectiva foucaultiana, o presente estudo possui como escopo colocar em pauta a noção de cultura corporal. A fim de alcançar o objetivo elencado, delineiam-se, inicialmente, alguns traços discursivos da irrupção relativamente recente da cultura corporal no âmbito da Educação Física. Em seguida, ambiciona-se defender a ideia de que a cultura corporal se configura como um acontecimento discursivo singular, instaurando novas formas de regularidade e, por conseguinte, exprimindo uma descontinuidade em relação às concepções de movimento corporal humano vigentes nas concepções curriculares tradicionais do componente. Em vista disso, conjectura-se, com efeito, que, em termos pedagógicos, a noção em foco requer ou, ao menos, pressupõe a modificação das ações didáticas.

**Palavras-chave:** cultura corporal; educação física; acontecimento discursivo.

**Clayton Cesar de Oliveira Borges**

Universidade de São Paulo – USP –  
São Paulo/SP – Brasil  
prof.claytonborges@gmail.com

**Marcos Garcia Neira**

Universidade de São Paulo – USP –  
São Paulo/SP – Brasil  
mgneira@usp.br

### Para citar este artigo:

BORGES, Clayton Cesar de Oliveira; NEIRA, Marcos Garcia. Cultura corporal como acontecimento discursivo no campo da Educação Física. **Revista Linhas**. Florianópolis, v. 24, n. 54, p. 311-325, jan./abr. 2023.

**DOI:** 10.5965/1984723824542023311

<http://dx.doi.org/10.5965/1984723824542023311>

<sup>1</sup> O presente artigo é fruto de um recorte ampliado da pesquisa de doutoramento apresentado por Borges (2019).

## Body culture as a discursive event in the field of Physical Education

### Abstract

In the company of some assumptions from Foucault's writings, the present study has as its scope to discuss the notion of body culture. In order to achieve the listed objective, we initially delineate some discursive traces of the relatively recent irruption of body culture in Physical Education. Next, we intend to defend the idea that body culture is configured as a singular discursive event, establishing new forms of regularity and, therefore, expressing a discontinuity in relation to the conceptions of human body movement in force in the traditional curricular conceptions of the component. In view of this, it is conjectured, in effect, that, in pedagogical terms, the notion in focus requires or, at least, presupposes the modification of didactic actions.

**Keywords:** body culture; physical education; discursive event.

## La cultura corporal como evento discursivo en el campo de la Educación Física

### Resumen

En compañía de algunos supuestos provenientes de la perspectiva foucaultiana, el objetivo de este estudio es poner en agenda la noción de cultura del cuerpo. Para alcanzar el objetivo enunciado, se esbozan algunos rasgos discursivos de la relativamente reciente irrupción de la cultura corporal en el ámbito de la Educación Física. A continuación, se pretende defender la idea de que la cultura del cuerpo se configura como un acontecimiento discursivo singular, instaurando nuevas formas de regularidad y, por lo tanto, expresando una discontinuidad en relación con las concepciones del movimiento del cuerpo humano vigentes en las concepciones curriculares tradicionales del componente. Frente a ello, se conjetura, en efecto, que, en términos pedagógicos, la noción en foco requiere o, al menos, presupone la modificación de las acciones didácticas.

**Palabras clave:** cultura corporal; educación física; acontecimiento discursivo.

## Palavras iniciais

Na contramão dos currículos da Educação Física alicerçados nomeadamente nas ciências biomédicas e que, enredados por uma biopolítica, objetivam fundamentalmente regular e normalizar os sujeitos da educação, algumas propostas curriculares do componente situadas na área das Linguagens (KUNZ, 1994; NEIRA; NUNES, 2006, 2009; SOARES *et al.*, 1992) vêm sendo experienciadas na educação básica, sinalizando outros modos de se pensar a Educação Física.

Tais perspectivas curriculares da Educação Física, bem como alguns estudos da área em pauta, que possuem um caráter mais teórico e que semelhantemente concebem a cultura corporal como linguagem, inspiram-se, com efeito, em diversos campos epistemológicos para fundamentá-la e problematizá-la, valendo-se, a título de exemplificação, de escritos de orientação marxista, da antropologia simbólico-interpretativa – fundamentada na hermenêutica – de Clifford Geertz, da vertente pós-estruturalista dos estudos culturais e do multiculturalismo crítico entre outros.

Sublinhe-se, pois, que, a despeito das singularidades de cada perspectiva curricular circunscrita à área de Linguagens, ao que tudo indica, todas parecem dar centralidade à cultura corporal. Nesse sentido, o objetivo deste estudo é, em um primeiro momento, delinear alguns traços discursivos da irrupção relativamente recente da noção de cultura corporal no campo da Educação Física.

Em um segundo momento, argumenta-se que a expressão cultura corporal se configura como um acontecimento discursivo singular, exprimindo uma descontinuidade em relação às concepções de movimento corporal humano vigentes nas concepções tradicionais da Educação Física. A fim de desdobrar tal hipótese, a presente investigação faz uso dos conceitos operatórios de descontinuidade e de acontecimento discursivo, conforme concebidos por Foucault.

Por ora, importa destacar que, em linhas muito gerais, a noção foucaultiana de descontinuidade (FOUCAULT, 2008) enseja tracejar as circunstâncias de aparição ou desvanecimento de uma determinada forma de saber. O acontecimento discursivo (FOUCAULT, 1996), por sua vez, diz respeito à transformação, à regularidade e à singularidade das práticas discursivas de dado contexto. É oportuno apontar, ademais,

que tal conceito operatório, contrário às formas de continuidade, de origem e da ênfase a um sujeito individual, se entrelaça com a noção de descontinuidade.

### Irrupção da cultura corporal

O estudo de Gramorelli (2014) indica que a irrupção da expressão cultura corporal nos anos finais da década de 1980 é proveniente dos escritos que se alinham ao que se convencionou denominar de teorias curriculares críticas da Educação Física (ROCHA et al., 2015). O conceito se materializa inicialmente no ensaio de Valter Bracht, designado *Educação Física: a busca da autonomia pedagógica* (1989) e no documento curricular pernambucano, intitulado *Contribuição ao debate do currículo em Educação Física: uma proposta para a escola pública* (1989). Logo após as primeiras produções que fazem menção à cultura corporal, o termo se insere na área da Educação Física de modo mais estruturado a partir da obra *Metodologia do ensino da Educação Física*, organizada por um coletivo de autores em 1992.

Em um contexto de intensas mudanças sócio-políticas e de crise<sup>2</sup> de identidade epistemológica do componente, a *Metodologia do ensino da Educação Física* (SOARES et al., 1992), recém-formulada à época, estabelece a cultura corporal – carregada de significados produzidos historicamente num dado contexto – na qualidade de objeto de estudo da Educação Física e, além disso, tece incisivos questionamentos ao ensino convencional do componente, baseado em um viés biologicista e num modelo de esportivização que propõe fundamentalmente a execução de técnicas corporais.

De imediato, o teor crítico do texto mostra-se evidente. Na esteira do materialismo histórico-dialético, a perspectiva curricular intitulada por seus idealizadores

---

<sup>2</sup> Desde a proposição de que a Educação Física deveria entrar em crise, na obra intitulada *Educação Física cuida do corpo... e “mente”*, de Medina (1983), diversos outros escritos têm tratado dessa temática, sinalizando, em linhas gerais, que as produções que irrompem a partir da década de 1980 e as críticas por elas efetuadas acarretaram uma crise de identidade do campo curricular. Ver, por exemplo, Bracht (BRACHT, Valter. A Constituição das teorias pedagógicas da educação física. *Cadernos Cedes*, Campinas, v. 19, n. 48, p. 69-88, ago. 1999a. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v19n48/v1948a05.pdf>. Acesso em: 30 maio 2021; BRACHT, Valter. *Educação física & ciência: cenas de um casamento (in)feliz*. Ijuí, RS: Editora Unijuí, 1999b); Fensterseifer (FENSTERSEIFER, Paulo. *A Educação física na crise da modernidade*. Ijuí: Unijuí, 2001); Vargas e Moreira (VARGAS, Cláudio Pellini; MOREIRA, Antônio Flavio Barbosa. A crise epistemológica na Educação Física: implicações no trabalho docente. *Cadernos de Pesquisa*, v. 42, n. 146, p. 408-427, maio/ago. 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cp/a/pyDpd8BVLK6gJKVqythVx9K/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 31 jul. 2021).

de “crítico-superadora”, preconiza que no decorrer do projeto pedagógico se considere os processos históricos e, ainda, a contextualização das expressões corporais estudadas, entendidas como linguagem. Atentemos a uma passagem sobre essa questão:

Na perspectiva da reflexão sobre a cultura corporal, a dinâmica curricular, no âmbito da Educação Física, tem características bem diferenciadas das da tendência anterior. Busca desenvolver uma reflexão pedagógica sobre o acervo de formas de representação do mundo que o homem tem produzido no decorrer da história, exteriorizadas pela expressão corporal: jogos, danças, lutas, exercícios ginásticos, esporte, malabarismo, contorcionismo, mímica e outros, que podem ser identificados como formas de representação simbólica de realidades vividas pelo homem, historicamente criadas e culturalmente desenvolvidas. (SOARES et al., 1992, p. 38)

O estudo de Souza Júnior et al. (2011), que possui como escopo central explicitar como os seis autores que elaboraram a proposta curricular supracitada compreendem o conceito de cultura corporal, infere que tal significação, ainda que com certo avizinhamento, se dá de modos distintos. Além desse diagnóstico, o texto indica que a expressão cultura corporal emerge em meados da década de 1980, num contexto de intercâmbio acadêmico entre estudiosos brasileiros e alemães, principalmente a partir das críticas ao esporte de alto nível efetuadas pelo teórico alemão radicado no Brasil Jurgen Dieckert, que na obra *Elementos e Princípios da Educação Física. Uma Antologia* (1985), alvitra, em oposição ao esporte de rendimento, um “Esporte para Todos” e que valorize a “cultura corporal própria do povo brasileiro” (SOUZA JÚNIOR et al., 2011, p. 395).

Conquanto haja alguns questionamentos ao horizonte teórico que fundamenta a *Metodologia do ensino da Educação Física*, mormente por conta de seu caráter político-ideológico vinculado à tradição do marxismo e, ainda, ao conceito de cultura corporal<sup>3</sup>

---

<sup>3</sup> Na obra *Transformação didático-pedagógica do esporte*, Kunz (1994, p. 19) profere críticas ao conceito de cultura corporal, considerado “dualista” e “tautológico, uma vez que não pode existir nenhuma atividade culturalmente produzida pelo homem que não seja corporal”. Pensamento similar em relação à tautologia do conceito é efetuado por Bracht (2005). Contudo, uma das autoras que contribuíram para a formulação da teoria curricular que emprega a terminologia em pauta – cuja produção acadêmica se alinha notadamente aos escritos de orientação marxista –, em conjunto com outra pesquisadora da área da Educação Física, buscam refutar o questionamento de Kunz, a partir da ideia de que a cultura corporal exprime a ação do homem enquanto expressão da cultura imaterial. Ver mais em: Taffarel e Morschbacher (TAFFAREL, Celi Zulke; MORSCHBACHER, Marcia. Crítica à teoria crítico-emancipatória: um diálogo com

que norteia a produção curricular, Souza Júnior *et al.* (2011) entendem que a publicação em foco se trata, com efeito, de um “clássico da área”, dessa forma, advogam que não se deve desconsiderar sua repercussão e disseminação, tendo em conta que, mesmo após quase duas décadas de seu lançamento, ainda é referência bibliográfica tanto em concursos públicos quanto em produções acadêmicas, documentos curriculares e em atividades de formação inicial e continuada da área.

Além da perspectiva curricular crítico-superadora, que aborda a cultura corporal sob o viés do materialismo histórico-dialético, o que equivale a considerar que “os temas da cultura corporal, tratados na escola, expressam um sentido/significado onde se interpenetram, dialeticamente, a intencionalidade/objetivos do homem e as intenções/objetivos da sociedade” (SOARES *et al.*, 1992, p. 62), Gramorelli e Neira (2016, p. 92) advertem para as contribuições concernentes à cultura corporal advindas dos estudos de Daolio (1995), que se fundamenta na antropologia de Clifford Geertz. Na acepção dos autores, “o olhar antropológico foi decisivo para que as práticas corporais fossem compreendidas como textos produzidos pela linguagem corporal [...]”.

Mais recentemente, as noções de discurso, identidade e cultura provenientes dos estudos culturais e do multiculturalismo crítico passam a influenciar a concepção de cultura corporal vigente nas obras que abordam o currículo cultural da Educação Física. “Vistas sob esse prisma, as práticas corporais adquirem status de textos culturais cujos significados são fruto do embate entre grupos e setores da sociedade” (GRAMORELLI; NEIRA, 2016, p. 99).

Retornando ao estudo de Gramorelli, há que se destacar que, além de delinear inicialmente a emergência da noção de cultura corporal, em um segundo momento de sua investigação, através da análise de propostas curriculares de Educação Física de dezenove Estados da Federação, a pesquisadora notou a presença do termo cultura corporal na maioria dos documentos oficiais, o que expressaria, pois, “uma vontade de verdade acerca do que deve ser a Educação Física escolar” (GRAMORELLI, 2014, p. 135, grifo da autora). Não obstante a associação quase que direta entre Educação Física e cultura corporal, que poderia sinalizar, a princípio, uma transformação ou renovação da

---

Elenor Kunz a partir do conceito de emancipação humana. *Corpus et Scientia*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, p. 45-64, jan./mar. 2013. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/229103155.pdf>. Acesso em: 31 jul. 2021).

prática pedagógica, ao examinar mais de perto os significados atribuídos à cultura corporal nos impressos curriculares, essa mesma autora identifica a existência de uma polissemia discursiva que, por vezes, se afasta diametralmente do horizonte teórico em que desponta o conceito.

Dessa maneira, na maior parte dos casos, prevaleceu o entendimento de que a simples presença dos esportes, brincadeiras, ginásticas, danças e lutas nas aulas do componente demarcariam, por si só, uma proposta curricular fundamentada no conceito de cultura corporal. Não menos divergentes, segundo Gramorelli (2014), são as orientações didáticas das propostas curriculares que, de modo geral, se valem de procedimentos característicos de perspectivas curriculares tradicionais da área.

Com isso, constata que esse enunciado está presente atualmente tanto em documentos inspirados nas teorias curriculares acríticas quanto naqueles que se fundamentaram nas teorias curriculares críticas e pós-críticas do componente. Um dos resultados dessa apropriação por vezes incongruente entre o suporte teórico da noção de cultura corporal e as orientações didáticas prescritas nos documentos curriculares é a manutenção das mesmas práticas historicamente presentes no currículo da Educação Física e, ainda, o declínio da criticidade (NEIRA; GRAMORELLI, 2017) em que desponta o conceito de cultura corporal.

### Cultura corporal como acontecimento discursivo

Malgrado as oscilações de sentidos e significados na recorrente disputa em torno do significante cultura corporal nos diversos impressos curriculares estaduais (GRAMORELLI, 2014) e, em alguma medida, até mesmo entre os próprios autores (SOUZA JÚNIOR *et al.*, 2011) da Educação Física crítico-superadora – perspectiva curricular que difunde inicialmente o termo –, parece haver algum consenso (NEIRA; GRAMORELLI, 2017) de que é a partir desse enunciado que o movimento corporal passa a ser concebido como linguagem, em detrimento dos significados de movimento corporal humano fortemente arraigados em orientações anteriores, comumente apoiadas nos campos epistemológicos da biologia e da psicologia do desenvolvimento.



Isso nos conduz a pensar que, em diálogo com as ciências humanas, a noção de cultura corporal reconhece a expressão corporal como forma de linguagem e configura-se, pois, como um “acontecimento discursivo” (FOUCAULT, 1996, 2006) singular, que desponta numa determinada conjuntura no final da década de 1980, instaurando novas formas de regularidade e, por conseguinte, exprimindo uma “descontinuidade” (FOUCAULT, 2008) em relação às concepções de movimento corporal humano vigente nas concepções tradicionais da Educação Física, circunscritas, já o dissemos, aos parâmetros das ciências biológicas e psicológicas.

Em *A arqueologia do saber*, a noção de descontinuidade – influência das filosofias de Bachelard e Canguilhem sobre o pensamento de Foucault – figura como um conceito operatório relevante com o qual os discursos devem ser tratados como práticas descontínuas e heterogêneas.

A investigação arqueológica, como se sabe, se opõe à ideia de uma prática discursiva linear, de estruturas fixas, de um *continuum* histórico; logo, objetiva a partir de um acontecimento demarcado identificar as oscilações dos enunciados em um discurso que, por corolário, desencadeará em novas práticas e efeitos de sentido. Desse raciocínio, os desdobramentos ocorridos em dada época não supõem processos de evolução, tampouco correspondem à marcha duradoura e próspera que caracteriza a história positivista.

[...] a descontinuidade não é somente um desses grandes acidentes que produzem uma falha na geologia da história, mas já no simples fato do enunciado; faz-se, assim, com que ele surja em sua irrupção histórica; o que se tenta observar é essa incisão que ele constitui, essa irreduzível – e muito frequentemente minúscula – emergência. (FOUCAULT, 2008, p. 31)

Em relação ao acontecimento discursivo, conforme antecipado abreviadamente na parte introdutória deste estudo, há uma espécie de entrecruzamento desta noção com a de descontinuidade. Dito de outro modo, é a própria questão da descontinuidade que, em alguma dimensão, está em jogo na irrupção do acontecimento, conforme a detecção de Revel (2005) e Castro (2016).

É bem verdade que ao longo de sua produção, Foucault se vale da noção de acontecimento de modos distintos. Em *As palavras e as coisas*, por exemplo, o



acontecimento se refere à cisão, à ruptura de uma *epistémê* à outra, como é o caso em que o filósofo explana a passagem da História Natural à Biologia. Em decorrência dessa profunda modificação epistêmica, se estabeleceria uma “novidade histórica” (FOUCAULT, 2000).

Em seguida, n’*A arqueologia do saber*, Foucault busca analisar o encadeamento do discurso em sua formação. Com efeito, já não se trata da descrição de um “acontecimento fundamental” (FOUCAULT, 2000), ou seja, de um deslocamento abrupto; significa tão somente considerar o acontecimento enunciativo na sua imanência histórica, isto é, como transformações articuladas, instaurando novas regularidades que, por sua vez, são descontínuas, se dispersam em dado momento.

As regularidades enunciativas, explica Foucault (2008), não se opõem a eventuais oscilações ou desvios de outro enunciado. Não se trata, portanto, de estabelecer comparações, tendo em vista que a regularidade enunciativa, mesmo que eventualmente contenha diferença de vocabulário, remete às regras de formação e à função enunciativa, ou seja, às condições de exercício, de funcionamento do enunciado.

Em *A ordem do discurso*, por sua vez, Foucault (1996) assevera que uma das premissas requeridas para a análise das condições e efeitos do discurso, é restituí-lo ao seu caráter de acontecimento. Nessa linha argumentativa, o discurso é tomado em suas regras de exterioridade, ele se configura no entrecruzamento de formações discursivas e não discursivas, sendo assim, é entendido como relação de forças. Trazendo, assim, elementos que se somarão à arqueologia, Foucault assinala que não se deve reduzir o discurso a uma suposta originalidade transcendental, mas considerá-lo na materialidade de suas condições de aparição como práticas descontínuas, heterogêneas, contingentes e que remete a outras redes de acontecimentos.

Em outro momento, ao referir-se ao conceito de acontecimento discursivo em uma discussão informal com estudantes de Los Angeles, ocorrida em maio de 1975 no *Pomone College*, publicada com o título *Diálogo sobre o poder*, Foucault (2006, p. 256) não deixará de exprimir que “o discurso não é nada além de um acontecimento como os outros, mesmo se, é claro, os acontecimentos discursivos têm, em relação aos outros acontecimentos, sua função específica”.

Sendo assim, conceber o discurso como acontecimento supõe interpelá-lo como único em sua irrupção, todavia, a singularidade do acontecimento não deve nos fazer esquecer de ininterruptamente ponderarmos que o discurso “está aberto à repetição, à transformação, à reativação [...] [e], ao mesmo tempo, e segundo uma modalidade inteiramente diferente, a enunciados que o precedem e o seguem” (FOUCAULT, 2008, p. 32). Ora, sobre essas configurações das práticas discursivas, se se considerar os discursos que circulam na esfera educacional e em tantos outros aparatos sociais, é difícil não concordar com essa premissa.

No que diz respeito especificamente ao conceito de cultura corporal, vimos na investigação de Gramorelli (2014) a recorrência enunciativa desse conceito, que se materializa<sup>4</sup>, ainda que com variação de significados, em diversos documentos curriculares oficiais – uma das instâncias de delimitação que instaura e valida a cultura corporal como objeto –, o que denota sua “capacidade de circulação, de troca, [e de] sua possibilidade de transformação [...] na economia dos discursos” (FOUCAULT, 2008, p. 136) sobre a Educação Física, de modo que a descontinuidade com orientações anteriores relativamente ao movimento corporal afigura-se evidente. Para sustentar essa ideia, detenhamo-nos por um momento em apresentar algumas concepções de movimento corporal humano que historicamente subsidiam as propostas curriculares da Educação Física.

Com base nas explicações acerca do movimento humano oferecidas por Santin (1985), no artigo *Reflexões antropológicas sobre a Educação Física e o esporte escolar*, Neira e Nunes (2021) especificam inicialmente que o movimento, subordinado aos princípios da biomecânica, pode ser qualificado como uma ação motora. Nessa ótica, o corpo é percebido como máquina viva e, em seguimento, torna-se passível de esquadramento sistemático com vistas à melhoria da performance motora. Tal pensamento parece ter sido preponderante nas intervenções pedagógicas das vertentes curriculares ginásticas e esportivistas.

Outra variante, segundo esses mesmos autores, se baseia nos pressupostos fisiológicos, de modo que o movimento é descrito como energia produtiva, decorrente de

---

<sup>4</sup> Não é desinteressante lembrar que “[...] o acontecimento não é da ordem dos corpos. Entretanto, ele não é imaterial; é sempre no âmbito da materialidade que ele se efetiva” (FOUCAULT, 1996, p. 57).

sínteses metabólicas. Desse ponto de vista, característico da perspectiva curricular da educação para a saúde, o movimento possui como função basicamente o aprimoramento das capacidades físicas. Ademais, há uma concepção biopsicologizante do movimento, que subsidia as propostas curriculares desenvolvimentista e psicomotora, e cujo objetivo é atingir os níveis mais elevados de aprendizagem e desenvolvimento motor. Disso decorre que o movimento corporal nem sempre teve o mesmo estatuto no âmbito da Educação Física, embora historicamente circunscrito, como entrevimos, às pedagogias tecnicistas.

Por fim, mais recentemente, sobretudo a partir dos currículos críticos da Educação Física e, ainda, do currículo cultural da Educação Física, o movimento é interpretado, de saída, como linguagem, como modo de expressar a produção cultural corporal dos diversos grupos sociais. “Nesse caso, o movimento é visto como um gesto” (NEIRA; NUNES, 2009, p. 90).

Com os contributos dos escritos foucaultianos no que tange à descontinuidade e às transformações dos enunciados e tomando como foco de análise o conceito de cultura corporal, é plausível admitir que, mediante relações de força<sup>5</sup> que se desenrolam em determinado contexto sócio-histórico e que ainda estão em curso, vide a apropriação recente do conceito em tela pela Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018), verificam-se transfigurações enunciativas e, em consequência, o aparecimento de descontinuidades na acepção de movimento humano que, acredita-se, podem ser caracterizadas como significativas.

Ora, o ponto de inflexão da cultura corporal e sua ênfase na gestualidade em relação à noção de movimento corporal humano – que designa, via de regra, concepções instrumentais – diz respeito à compreensão das práticas corporais, que abrange as brincadeiras, as danças, as lutas, as ginásticas e os esportes como produtos da gestualidade sistematizada, passíveis de leitura, interpretação e reelaboração durante as atividades de ensino. No âmbito da cultura corporal, isso equivale a dizer que “é pela gestualidade que as pessoas socializam seus sentimentos, emoções e visões de mundo. O

---

<sup>5</sup> Conquanto os escritos arrolados ao longo deste item nos deem alguns indícios, certamente seria preciso um estudo mais circunstanciado para examinar os jogos de força que possibilitaram a emergência desse acontecimento que, evidentemente, não se limita ao âmbito discursivo – questão privilegiada aqui –, uma vez que se encadeia com acontecimentos que não são de natureza discursiva, isto é, que podem ser de ordem técnica, prática, econômica, social, política etc.

gesto é um signo. É o menor elemento da gramática produzida pela linguagem corporal” (NEIRA, 2014, p. 17).

Para marcar a descontinuidade do movimento humano na ótica da cultura corporal das perspectivas anteriores, é válido ainda, a título de exemplificação, fazer menção à capoeira. Se, porventura, a consideramos sob a égide das concepções biopsicológicas da Educação Física, com vistas à edificação de um sujeito saudável ou “desenvolvementalmente completo”, os movimentos que constituem a prática corporal em questão serão validados cientificamente e tidos como fundamentais, quer seja para o aprimoramento das técnicas de execução ou para o estímulo ao metabolismo, aqui se incluem a melhoria do condicionamento físico, emagrecimento, fortalecimento muscular ou, ainda, o aprimoramento das habilidades motoras. Contrariamente a esses discursos de viés “corretivo” ou “eficientista”, conceber a capoeira como um texto da cultura demandaria compreender a sua gestualidade ou, se se quiser, reconhecer a gestualidade do capoeirista como transmissora de significados culturais peculiares que remontam, por exemplo, aos saberes oriundos da cultura negra, sobretudo àqueles relativos ao período da escravidão no Brasil, bem como suas ressignificações com o tempo e a disseminação dessa prática pelo tecido social mais amplo.

### Perspectivando implicações didático-pedagógicas

Em decorrência da descrição até então arrolada acerca da cultura corporal, caber-nos-ia conjecturar que não se trata de uma variação de significados qualquer, pois, além de uma mudança de vocabulário, modifica-se a função enunciativa<sup>6</sup>. Isso equivale a dizer que, em termos pedagógicos, a irrupção da concepção de cultura corporal no campo da Educação Física requer – ou, ao menos, pressupõe – modificação das ações didáticas. De súbito, consideremos um fragmento a esse respeito: “Compreender a cultura corporal

---

<sup>6</sup> Em uma visada arqueológica, Foucault (2008) define quatro traços que indicam o funcionamento de um enunciado, quais sejam, seu referencial, sua posição de sujeito, seu domínio associado e sua materialidade. A análise do referencial não supõe que haja uma relação direta entre as palavras e as coisas, de modo que caberia questionar quais as condições de possibilidade para a materialização do enunciado. A respeito da posição de sujeito, não se trata de determinar o sujeito que enuncia algo, mas sim o lugar que este deve ocupar no interior de um determinado sistema de enunciabilidade que, por sua vez, define o que é tomado como verdade. Quanto ao domínio associado, implica considerar que não existe enunciado autônomo, não há enunciado que não suponha outros, fazendo parte de um domínio constituído. Finalmente, Foucault assinala que o enunciado carece de uma existência material, que lhe assegure certo estatuto.

como um terreno de disputa entre setores da sociedade implica a adoção de atividades de ensino que proporcionem a identificação das forças em atuação e de quem são os interessados” (NEIRA; GRAMORELLI, 2017, p. 328). A essa altura, talvez seja desnecessário dizer que as atividades de ensino de outras concepções curriculares da Educação Física operam com outra lógica, comumente de caráter eficientista e funcionalista.

Dessa feita, vista como artefato da cultura, a gestualidade que caracteriza qualquer prática corporal possui uma intenção comunicativa, é um produto da linguagem corporal cujos significados e sentidos, atravessados por relações de poder que atuam na sua validação ou deslegitimação, mesmo que provisória, se dão no contexto histórico-social em que foram e são produzidos.

Depreende-se disso que, a partir desse acontecimento discursivo intitulado cultura corporal, a Educação Física passa a ser concebida como uma disciplina que, *inter alia*, se preocupa com a leitura da gestualidade que caracteriza as brincadeiras, danças, lutas, esportes e ginásticas, isto é, como um componente curricular que busca compreender os códigos e significados presentes nas práticas corporais (NEIRA, 2016), em detrimento das perspectivas anteriores que procuravam delimitá-la, em linhas gerais, ao estudo do aperfeiçoamento do movimento corporal.

## Referências

BORGES, Clayton Cesar de Oliveira. **Governo, verdade, subjetividade:** uma análise do currículo cultural da Educação Física. 181 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo, Faculdade de Educação, São Paulo, 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base nacional comum curricular.** Brasília: MEC, 2018.

BRACHT, Valter. Cultura corporal, cultura de movimento ou cultura corporal de movimento? In: SOUZA JÚNIOR, Marcílio de. **Educação física escolar:** teoria e política curricular, saberes escolares e proposta pedagógica. Recife: EDUPE, 2005. p. 97-106.

CASTRO, Edgardo. **Vocabulário de Foucault:** um percurso pelos seus temas, conceitos e autores. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

DAOLIO, Jocimar. **Da cultura do corpo.** Campinas: Papyrus, 1995.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 3. ed. São Paulo: Loyola, 1996.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**: uma arqueologia das ciências humanas. 8. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

FOUCAULT, Michel. 1978 – Diálogos sobre o poder. In: FOUCAULT, Michel. **Estratégia, poder-saber**: ditos e escritos IV. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. p. 253-266.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

GRAMORELLI, Lilian Cristina. **A cultura corporal nas propostas curriculares estaduais de Educação Física**: novas paisagens para um novo tempo. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

GRAMORELLI, Lilian Cristina; NEIRA, Marcos Garcia. Concepções de cultura corporal e seus reflexos no ensino da Educação Física. In: NEIRA, Marcos Garcia et al. **Educação física cultural**. São Paulo: Blucher, 2016. p. 87-104.

KUNZ, Eleonor. **Transformação didático-pedagógica do esporte**. Ijuí: UNIJUÍ, 1994.

MEDINA, João Paulo Subirá. **A educação física cuida do corpo... e “mente”**. Campinas: Papirus, 1983.

NEIRA, Marcos Garcia. **Práticas corporais**: brincadeiras, danças, lutas, esportes e ginásticas. São Paulo: Melhoramentos, 2014.

NEIRA, Marcos Garcia. O currículo cultural da educação física: por uma pedagogia da(s) diferença(s). In: NEIRA, Marcos Garcia; NUNES, Mario Luiz Ferrari. (orgs.). **Educação física cultural**: por uma pedagogia da(s) diferença(s). Curitiba: CRV, 2016. p. 67-106.

NEIRA, Marcos Garcia; GRAMORELLI, Lilian Cristina. Embates em torno do conceito de cultura corporal. **Pensar a Prática**, [Goiás], v. 20, n. 2, p. 321-332, abr./jun. 2017. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/fef/article/view/38103/pdf>. Acesso em: 31 jun. 2021.

NEIRA, Marcos Garcia; NUNES, Mario Luiz Ferrari. **Pedagogia da cultura corporal**: crítica e alternativas. São Paulo: Phorte, 2006.

NEIRA, Marcos Garcia; NUNES, Mario Luiz Ferrari. **Educação física, currículo e cultura**. São Paulo: Phorte, 2009.

NEIRA, Marcos Garcia; NUNES, Mario Luiz Ferrari. Currículo cultural, linguagem, códigos e representação: uma proposta para a produção de outras formas de fazer, ver e dizer a respeito de si, das práticas corporais e seus praticantes. In: MALDONADO, Daniel Teixeira et al. (orgs.). **Linguagens na educação física escolar**: diferentes formas de ler o mundo. Curitiba: CRV, 2021. p. 21-40.

REVEL, Judith. **Michel Foucault: conceitos essenciais**. São Carlos: Claraluz, 2005.

ROCHA, Mayara Alves Brito da *et al.* As teorias curriculares nas produções acerca da Educação Física escolar: uma revisão sistemática. **Currículo sem Fronteiras**, [s.l.], v. 15, p. 178-194, 2015.

SANTIN, Silvio. Reflexões antropológicas sobre a educação física e o esporte escolar: pressupostos teóricos sobre os fundamentos do agir. **Revista Kinesis**, [Santa Maria], v. 1, n. 2, p. 119-130. jul./dez. 1985.

SOARES, Carmen Lucia *et al.* **Metodologia do ensino de educação física**. São Paulo: Cortez, 1992.

SOUZA JUNIOR, Marcílio *et al.* Coletivo de autores: a cultura corporal em questão. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, [Florianópolis], v. 33, n. 2, p. 391-411, abr./jun. 2011. Disponível em: <http://revista.cbce.org.br/index.php/RBCE/article/view/676/662>. Acesso em: 31 jul. 2021.

Recebido em: 01/08/2021  
Revisões requeridas em: 15/08/2022  
Aprovado em: 25/08/2022

Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC  
Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE  
Revista Linhas  
Volume 24 - Número 54 - Ano 2023  
[revistalinhas@gmail.com](mailto:revistalinhas@gmail.com)